

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

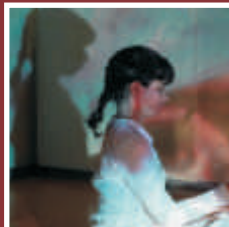
PRÁTICAS E REFLEXÕES COM EDUCADORES

CONTAÇÃO



CCBB EDUCATIVO 2013

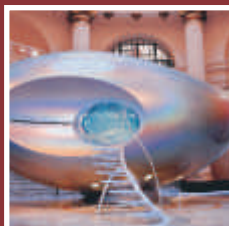
EM CANTOS E CONTOS :: 02



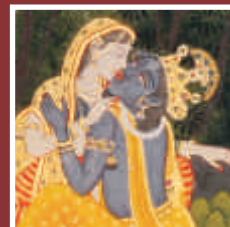
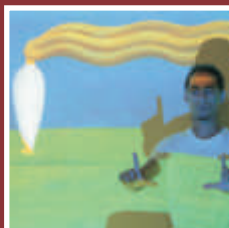
EXPOSIÇÃO GORMLEY - CORPOS PRESENTES :: 16



EXPOSIÇÃO ONENESS - MARIKO MORI :: 26



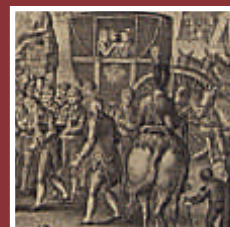
EM CANTOS E CONTOS - ADULTOS :: 34



08 :: EXPOSIÇÃO ÍNDIA!



20 :: EXPOSIÇÃO IMPRESSIONISMO - PARIS E A MODERNIDADE



28 :: PATRIMÔNIO

AS HISTÓRIAS QUE FAZEM A NOSSA HISTÓRIA

A CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NO CCBB:
UM EXERCÍCIO DE
MEDIÇÃO

A mediação em exposições é o principal fio condutor da atuação do **CCBB EDUCATIVO**. Mediação é uma conversa que busca entendimento entre o educador, o público e suas formações culturais. Roteiros diferenciados são criados para contemplar os diversos públicos atendidos pelo projeto. As mediações ocorrem junto às mostras temporárias de artes, exposições do acervo permanente de numismática e história do Banco do Brasil e na visita ao próprio prédio, que integra o patrimônio histórico e artístico da cidade do Rio de Janeiro. A prática da contação de histórias insere-se como ferramenta de mediação, tanto no espaço expositivo, integrada às visitas, como na atividade Em Cantos e Contos.

Mas como mediar uma exposição com histórias? Para respondermos a essa pergunta, devemos pensar sobre como elas surgem. Desde o início dos tempos, o homem é um inventor de narrativas. Muitas surgiram para explicar aquilo que ele não compreendia no mundo ao seu redor: o nascimento do sol, o aparecimento da lua e das estrelas à noite, o barulho do trovão, as sombras... Diante de tantos mistérios, os povos elaboraram narrativas que respondiam a essas questões e, assim, surgiram os mitos. Através da palavra, o homem se inventa, reinventa e estabelece sua relação com o mundo. É para isto que contamos histórias desde sempre – para entender a vida.

Ao incluir histórias em seu roteiro de mediação, o educador oferece ao público um novo olhar sobre o conteúdo da exposição. Para que a história se desenrole, faz-se de conta. Quando o visitante se transporta para o papel de ouvinte de uma história, ele está compactuando com a ficção. Existe melhor forma de viver experiências?



Educadores
Gabriel Sant'Anna
Túlio Villaça

O GRUPO DE PESQUISA EM ARTES CÊNICAS: EM CANTOS E CONTOS E SUAS INTERFACES.

Os educadores do CCBB se reúnem em grupos de linguagens artísticas e atendimento inclusivo (Pequenas Mãos e Acessibilidade). A atividade Em Cantos e Contos é elaborada pelo Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas, um dos grupos de linguagens artísticas que trabalha com contos populares e textos autorais. Há, também, a possibilidade de apresentação de uma história original, com ou sem palavras, como por exemplo, através da linguagem da performance, da música ou de Libras. Sendo o CCBB Educativo formado por uma equipe multidisciplinar (com educadores das áreas de Literatura, Artes Visuais, História, Música, Pedagogia, Design...), as atividades são criadas por um caleidoscópio de olhares: um conto de fadas narrado dentro de um cenário que é uma projeção; um feixe de luz que atravessa um suporte com água e óleo, onde se misturam tintas. A música está presente em canções originais, compostas para as apresentações, ou como sonoplastia para os acontecimentos da narrativa. Esta experiência é um dos resultados desse fértil cruzamento de ideias.

Além das mediações em espaços expositivos e visitação do prédio, a atividade Em Cantos e Contos é oferecida tanto em horários agendados para escolas, quanto nos finais de semana ao público espontâneo. O repertório é estruturado da seguinte forma:

- **Em Cantos e Contos – Família** (público em geral a partir dos 5 anos);
- **Em Cantos e Contos – Adultos** (adolescentes e adultos);
- **Pequenas Mãos** – atividade interdisciplinar destinada ao público de 3 a 6 anos, com repertório e adereços especialmente escolhidos para a faixa etária;
- **Bisbilhoteca** – exploração lúdica do acervo e espaço infantojuvenil da Biblioteca;
- **Acessibilidade** – forma de contação que utiliza a linguagem de sinais e estímulos sensoriais, como tato, música, olfato.

03



Educadora Fernanda Paixão
Foto Daniela Chindler

Escolhemos 06 experiências, representadas por algumas das histórias escolhidas no repertório desenvolvido pelo grupo, para expor e compartilhar o trabalho do Programa Educativo do CCBB nesta área:

- 1) Exposição histórica - *Índia!* (2011/2012) - As questões religiosas são uma marca dentro da estrutura social indiana. O que comer, como se vestir, monumentos e até as profissões têm ligação com a cultura religiosa. Hinduísmo, islamismo, catolicismo, budismo, jainismo... – O Educativo percebeu que a religião era uma excelente porta de entrada para esta exposição. Desta forma, as histórias tinham esse viés. Mitos hindus e a história do príncipe Sidarta Gautama, que abdicou de tudo no caminho da iluminação, fizeram parte do repertório. Ao reconhecer as histórias dos mitos nas esculturas, tapeçarias, bonecos e fotos, o visitante percebe que ampliou o seu olhar e, procurando ecos daquilo que ouviu nas peças expostas, assume a postura de investigador, deixando de ser apenas espectador. Enxergamos o que reconhecemos. E, assim, a ficção constrói uma prazerosa ponte para o aprendizado.

04



Visita Mediada
Exposição *Índia!*
Foto João Saidler

2) Exposição de arte contemporânea com foco no fazer artístico. *Still Being - Antony Gormley - Corpos Presentes* (2012) - Para mediar essa exposição, escolhemos trabalhar com a escultura e seu processo. Um dos contos selecionados foi um mito judaico, *O Golem*, que trata da questão de reprodução da forma humana, uma narrativa recorrente em várias culturas. Reza a lenda que, por parecer tão real a escultura de Moisés, Michelangelo, ao terminar de esculpi-la, bate com o cinzel nos joelhos dela e diz: "Agora fale!" Assim como o Golem toma forma, também tomam forma as figuras que quase sempre repetem a silhueta do artista inglês Antony Gormley. Após a narração do mito, o educador conversava com o público, tanto o adulto quanto o infantil, sobre o fazer escultórico, convidando-o a investigar questões como material, peso e densidade das esculturas durante a visita na galeria. Observar o espaço ao redor das peças, como elas estavam dispostas (em cima do pedestal ou não) eram outras indagações desse leque de possibilidades investigativas.

05



Exposição *Still Being*
Antony Gormley
Corpos Presentes
Foto Marcello Dantas



- 3) Exposição de arte contemporânea com foco na visualidade – *Onewess* – Mariko Mori (2011) - A artista japonesa Mariko Mori privilegia o uso da tecnologia em sua obra. Na rotunda do CCBB, foi instalada uma nave espacial. Na galeria, estavam expostos painéis coloridos, vídeoperformances onde a artista aparecia caracterizada e figuras de extraterrestres que podiam ser tocadas pelos visitantes. Mas, apesar do aspecto futurista de algumas obras, o Japão Antigo, lendas e a religião budista destacaram-se como fontes de inspiração. Assim, para essa exposição, os educadores selecionaram contos tradicionais japoneses que despertavam o público para a busca dessa ancestralidade.
- 4) Exposição de pintura com foco na transformação do olhar. Em *Impressionismo - Paris e a Modernidade* (2012), a pesquisa do grupo de contação teve como ponto de partida o momento histórico da Paris do século XIX. Com uma Revolução Industrial tardia em relação à Inglaterra, os adventos da locomotiva a vapor e da fotografia contribuíram para transformar o cotidiano da cidade. O prefeito Georges-Eugène Haussmann promoveu uma grande reforma urbana durante sua gestão (1853-1870). O objetivo principal era modernizar Paris, cujo centro era composto de muitos quarteirões insalubres e que, em pleno século XIX, mantinha muito de sua estrutura medieval. A reforma trouxe a iluminação noturna e a melhoria da circulação, tornando a cidade mais segura ao cair do sol. A vida noturna floresceu – Toulouse-Lautrec, Monet e tantos outros impressionistas pintaram os cafés e as dançarinas. Para o repertório da contação para família (a partir de 5 anos), selecionamos *Os Sapatos Dançarinos*, dos Irmãos Grimm. Na mediação, traçamos uma relação entre a princesa que foge para bailar todas as noites e a temática das telas expostas.
- 5) Mostra permanente do CCBB, com foco em patrimônio histórico - Exposição *O Banco do Brasil e sua História* (desde 2008). Aqui o grupo trabalha com narrativas que falam da história do Brasil. O relógio volta no tempo, estamos no Rio de Janeiro do início do século XIX, uma viagem de 200 anos. As contações criam um diálogo não só com o prédio, mas também com o entorno do CCBB.
- 6) *Em Cantos e Contos – Adulto* - Neste item, destacamos não uma exposição específica, mas a proposta desenvolvida pelo grupo de contação para o público adolescente e adulto, que, além de ouvir as narrativas, também é convidado a participar de uma conversa sobre o processo de trabalho da história com o educador que a apresentou.

Detalhe
Claude Monet
La gare Saint Lazare
(Estação de Saint-Lazare), 1877
Óleo sobre tela, 75,5 x 104 cm
© RMN (Musée d'Orsay) / Hervé Lewandowski

Exposição **ÍNDIA!**

Todo mundo costuma dizer que na Índia a vaca é sagrada, que não se come sua carne, mas você sabe por quê? De onde vem essa tradição? Bem, essa tradição vem do hinduísmo, no qual a vaca é símbolo de abundância e generosidade, por essas razões não se consome sua carne. Mesmo os não-hindus não costumam consumi-la. Outra questão do hinduísmo marcante para a sociedade indiana está relacionada às castas. Acredita-se que cada um já nasce determinado a um trabalho e que, de acordo com sua ascendência familiar, seja para sempre marcado.

Eram esses e outros aspectos da Índia que precisávamos mostrar para o público e era importante trazer o tema com leveza, por isso foi proposta uma viagem às narrativas do país.

Também na mitologia hindu, o Buda Sidarta é uma das encarnações de Vishnu, deus responsável pela manutenção do universo. No budismo, Sidarta é o mestre central da doutrina. Sensibilizado pela narrativa, o público podia buscar as referências simbólicas da história que estavam lá nas galerias: a árvore da revelação, os mudras, os avatares hindus... O visitante virava um detetive cultural, um Sherlock Holmes contemporâneo seguindo cada pista. E a exposição era desvendada através de um jogo da memória, no qual pares iguais iam sendo formados, fazendo a exposição tomar corpo e forma para os visitantes.

08



Ganesha e Sita / Bonecos de sombra
Andhra Pradesh, 2011
Pintura sobre couro
155 x 57 cm (Ganesha) e 135 x 62 cm (Sita)
Coleção particular
Foto Anay Man



Radha sofre profundamente pela separação de Krishna, que testemunha a cena escondido atrás de uma árvore.
Kangra, primeiro quartel do séc. XIX.
Museu de Arte Asiática de Berlim
Coleção Sul-Sudeste e Ásia Central
28,5 x 36,3 cm; pintura 26,2 x 33,8 cm

Quem ama quer Kama!

Dizem os indianos que, no princípio, o universo era repleto de nada. Havia somente um ser que habitava esse vazio: o deus Brahma. Em eterna posição de meditação, Brahma recebia e refletia o som do universo: Ommmmmmmm...

Até que, um dia, Brahma percebeu que naquele vazio cheio de som poderia caber muito mais coisas. Mas, para criar coisas, era preciso muita criatividade e, para isso, muita meditação. Assim, o deus Brahma entrou em profunda ligação com o som do universo... Ommmmmm...

Ele meditou tão profundamente que de dentro dele surgiu tudo que conhecemos e que preenche o nosso mundo. Brahma ficou maravilhado com toda aquela criação: as plantas, os animais, as águas... E percebeu que não havia ninguém com quem pudesse dividir toda a sua alegria. Assim como o nada se completou com o tudo, ele também achou que precisava de uma metade, de alguém que lhe completasse e lhe fizesse companhia.

Sentou novamente em meditação... Ommmmmm... E dessa vez ele não só pensou, mas sentiu, desejou... E de dentro dele se despreendeu o ser mais lindo que ele poderia imaginar... Ela era linda... uma deusa! Ela era Saraswati.

Assim como nós, os humanos, Saraswati nasceu nua. Quando percebeu que existia, a bela deusa olhou para trás e viu Brahma olhando para ela totalmente encantado. Para fugir de sua vista, com delicadeza e por pudor, Saraswati se deslocou para o lado esquerdo de Brahma. O deus da criação não moveu um músculo. Porém, repentinamente, magicamente, como são os feitos dos deuses, do pescoço de Brahma surgiu uma nova cabeça... que continuava a olhar Saraswati encantado.

A bela deusa então se deslocou com delicadeza e por pudor para o lado direito de Brahma. O deus da criação não moveu um músculo. Porém, repentinamente, magicamente, como são os feitos dos deuses, do pescoço de Brahma surgiu uma terceira cabeça... que continuava a olhar Saraswati encantado.



“Que deus mais insistente”, pensou Saraswati. E novamente, com delicadeza e por pudor, deslocou-se para as costas de Brahma. O deus da criação não moveu um músculo. E, pela quarta vez, repentinamente, magicamente, como são os feitos dos deuses, do pescoço de Brahma surgiu a sua quarta cabeça... que continuava a olhar Saraswati encantado. Algumas mulheres fazem perder a cabeça. Saraswati as fazia surgir!

Não havia onde se esconder. Brahma continuava a olhar para Saraswati, linda, nua em sua frente. E quanto mais a olhava, mais a queria como sua metade, mais a desejava... Até que, de novo, sentiu sair de dentro de si um novo ser, já vestido, com suas belas asas e seu arco e flecha! Um anjo? Cupido? Eros?

Nada disso, era um deus mais antigo que todos esses: Kama, o deus do desejo, aquele que cria em todos a vontade de se unir em pares.

Kama, vendo o desejo de Brahma por Saraswati, impulsivamente, como são atos do amor e do desejo, lançou uma de suas flechas encantadas em Saraswati, que se tornou completamente apaixonada por Brahma.

Dizem que, como deusa das artes, Saraswati ao se unir a Brahma cantava belamente. E que até hoje é possível ouvir a música desse amor em muitas de suas criações.

Desde então, Kama espalha suas flechas por todo o universo. E como é um pouco displicente e muito rápido, de vez em quando erra o alvo, acerta quem não devia, lança duas, três flechas de uma vez só, mas não se esquece de ninguém!

Êxtase Divino
Jóias que decoram carro
de procissão
Índia, Tâmil Nadu,
séc. XVII / XVIII
Madeira Manchada
Dimensões: 55 cm
Museu Rietberg, Zurique



Educadora Polyana Lourenço
Foto João Saidler

O príncipe Sidarta

Suddhodana queria que seu filho, Sidarta Gautama, fosse um rei como ele, mas, quando Sidarta nasceu, um velho sábio disse para Suddhodana que seu filho poderia se tornar um grande rei ou talvez um homem iluminado e dedicado aos caminhos da liberdade e da meditação.

Suddhodana não gostou nada dessa história de liberdade e meditação. Seu filho teria que ser rei e ponto. Por isso, Suddhodana construiu três grandes palácios cheios de beleza. Dentro dos palácios, tudo era bonito, todos eram jovens e bem dispostos, os banquetes eram fartos e deliciosos, tudo era felicidade, alegria e serenidade.

Sidarta levava uma vida tranquila nos palácios, estudando e se preparando para ser rei, sem nunca conhecer o que havia lá fora. Casou-se, teve um filho, mas um dia, quando Sidarta tinha 29 anos, ouviu um som diferente de tudo que já tinha ouvido antes. Era um canto sofrido, melancólico, e ele não entendia como alguém poderia cantar algo tão sofrido se só havia paz e felicidade no palácio. Foi então que Sidarta descobriu: aquele canto era sofrido por causa das lembranças do homem que cantava. O homem cantava assim porque se lembrava da sua vida fora do palácio.

Sidarta pensou: "Ora, há coisas que eu não conheço fora do palácio! Como serei rei se não sei como vive o meu povo?"

Por isso, Sidarta foi até seu pai, Suddhodana, e disse que queria conhecer o lado de fora. Suddhodana não gostou, mas Sidarta insistiu e Suddhodana concordou, entretanto, preparou o caminho para que só houvesse jovens, lugares bonitos, pessoas bonitas e bem dispostas por onde o príncipe passasse.

No dia combinado, depois de tudo preparado, lá foi Sidarta, montado em um elefante, acompanhado de seu melhor amigo, Channa. Como já era de se esperar, tudo o que via pelo caminho era pessoas lindas, sorridentes, com roupas coloridas e alegres. Todos estavam contentes em ver o príncipe pelas ruas e gritavam: "Jaya jaya!" O príncipe se alegrou com a festa, sorria, e todos tornavam a gritar: "Jaya jaya!" Quanto mais Sidarta se animava, mais o povo esbravejava: "Jaya jaya!"

Sidarta estava gostando do que via, até que, no meio da multidão, viu um homem sujo, com pouco cabelo, poucos dentes, a pele flácida e enrugada. Sidarta nunca tinha visto aquilo antes! Arregalou os olhos de surpresa, saltou de seu elefante e foi correndo atrás do homem. Channa, seu amigo, veio logo em seguida. O homem assustado correu meio capenga na frente, entraram em becos, vielas, até chegarem a um lugar onde havia pessoas sujas, com roupas rasgadas, esfarrapadas, fazendo grandes jarros de argila com a lama do chão. Sidarta, que nunca tinha visto aquilo antes, perguntou: "O que é isto, Channa?" Channa respondeu: "Isto é a pobreza, Sidarta". Eles andaram um pouco mais e passaram na porta de uma casa. Dentro, havia uma mulher deitada, com várias bolotas inchadas no rosto, gemendo de dor. Sidarta, que nunca tinha visto aquilo antes, perguntou: "O que é isto, Channa?" Channa respondeu: "Isto, Sidarta, é a doença". Eles continuaram caminhando e chegaram à beira de um rio. Lá havia uma roda de pessoas em volta de um corpo que já não se mexia mais. Sidarta, que nunca tinha visto aquilo antes, perguntou: "O que é isto, Channa?" Channa respondeu: "Isto é a morte".

Tendo visto essas coisas, Sidarta voltou ao palácio e disse ao seu pai que não poderia mais viver ali. Suddhodana ficou enfurecido. E disse que ir embora era um absurdo: "Eu dei tudo do bom e do melhor pra você, construí grandes palácios cheios de beleza e agora você me diz que vai embora?" Sidarta respondeu: "Meu pai, o que você me deu durante toda a minha vida foi uma ilusão. No mundo existe muita dor e sofrimento. Eu preciso sair, conhecer o sofrimento, para encontrar uma forma verdadeira de liberdade e felicidade". Suddhodana então perguntou furioso: "E a sua mulher, Sidarta? E seu filho? Vai abandoná-los?" Mas Sidarta disse que precisava partir também pelo seu filho e pela sua mulher, porque um dia eles também sofreriam e a sua busca poderia livrá-los do sofrimento.

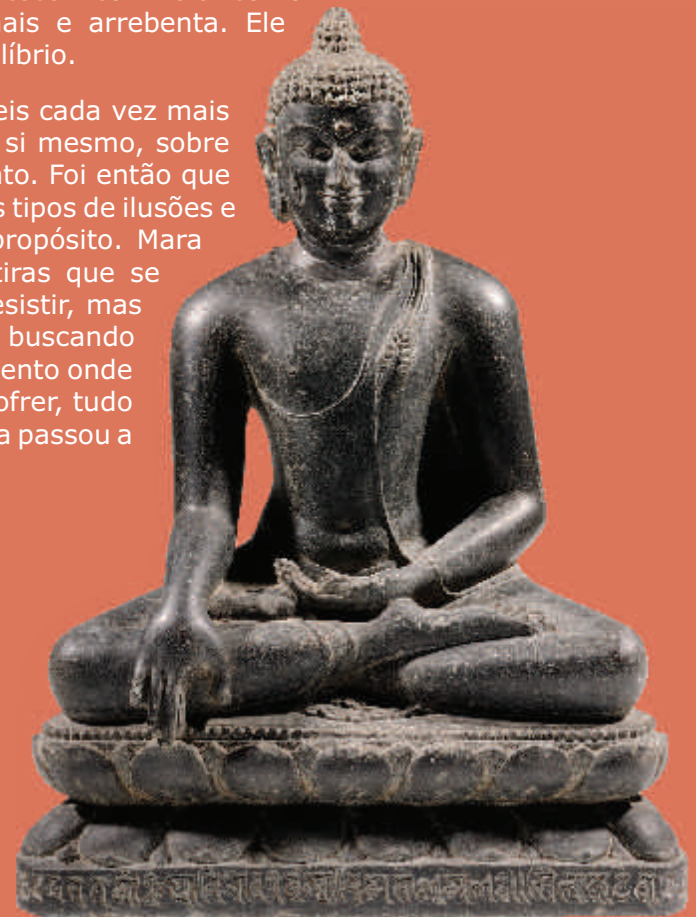
Vendo a insistência de seu filho, Suddhodana exigiu que os guardas vigiassem os portões e muros dos palácios para que Sidarta não saísse. Mas naquela noite, inexplicavelmente, uma bruma caiu sobre os palácios e fez com que todos adormecessem, menos Sidarta, que pegou alguns de seus pertences, chamou seu amigo Channa e com ele se foi em silêncio. Os dois caminharam muito, conhecendo o mundo e tudo mais que havia nele. Sidarta percebeu que o apego era a origem do sofrimento. Querer muito algo para si fazia as pessoas sofrerem. Por isso, quando chegaram a uma floresta, Sidarta resolveu desapegar-se, desfazer-se de tudo o que podia. Tirou suas roupas, cortou seus cabelos, deu seus pertences à Channa, despediu-se do amigo e resolveu viver na floresta, meditando, em silêncio, buscando a iluminação.

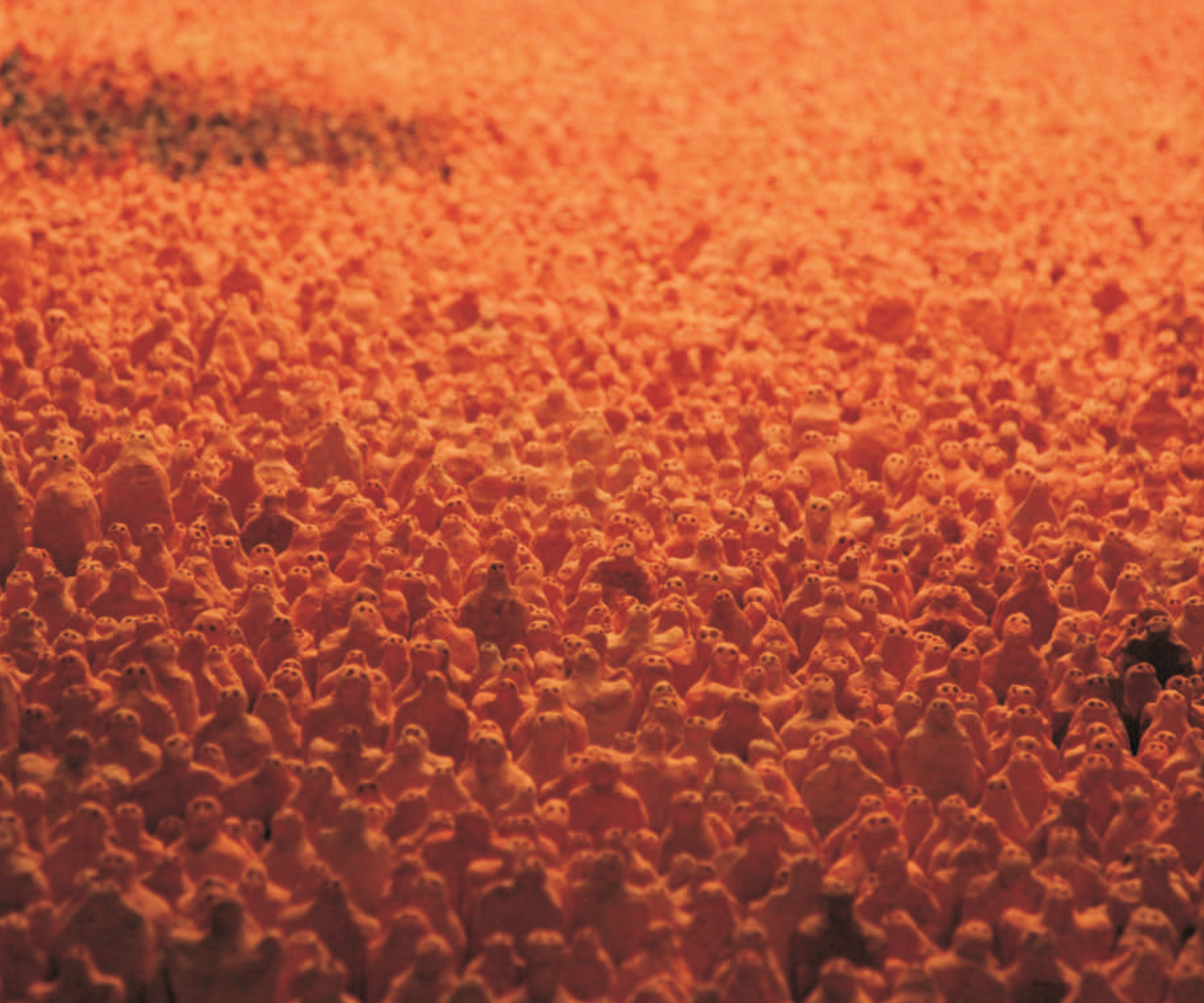
Até que um dia, enquanto meditava à beira do rio, ouviu um barqueiro que tocava uma cítara explicar ao seu aprendiz: “Se quiser ouvir o som da cítara, não pode deixar a corda solta demais, pois ela não fará som, mas, se apertar demais a corda, ela arrebentará”. Ouvindo isso, Sidarta se deu conta de que estava agindo de forma errada. Ele não podia abrir mão de tantas coisas como vinha fazendo. Poderia acontecer com ele como acontece com a corda, que se estica demais e arrebenta. Ele precisava encontrar o caminho do meio, o equilíbrio.

Buscando o equilíbrio, Sidarta conseguiu níveis cada vez mais profundos de concentração e controle sobre si mesmo, sobre suas vontades, suas emoções e seu sofrimento. Foi então que apareceu Mara, o mentiroso, e trouxe todos os tipos de ilusões e perturbações para desviar Sidarta de seu propósito. Mara usou as mais perversas e tentadoras mentiras que se possa imaginar. Estava sendo muito difícil resistir, mas Sidarta permaneceu em silêncio, meditando, buscando a iluminação, de maneira que houve um momento onde nada mais o perturbava, nada mais o fazia sofrer, tudo estava em paz. Foi nesse momento que Sidarta passou a se chamar Buda, que significa “o iluminado”.

**Buda no momento de sua iluminação,
mostrando o Bhumisparshamudra,
o gesto de chamar a terra
por testemunha**

Nalanda (Bihar), século XI
Escultura em pedra
44,5 x 32 x 16,5 cm
Museu de Arte Asiática de Berlim
Foto Juergen Liepe





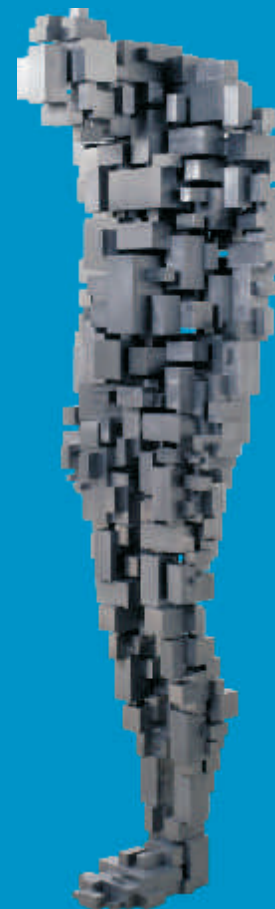
EXPOSIÇÃO GORMLEY - CORPOS PRESENTES

Antony Gormley espalhou esculturas em tamanho real que usavam o corpo dele como molde pelo entorno do CCB. Imagine ver um homem no topo de um prédio como se a qualquer momento pudesse saltar, ou outro homem inerte na calçada no caminho do vai e vem de pedestres. Imagine, depois de uns segundos, dar-se conta de que o primeiro homem nunca vai pular e o segundo não vai andar, porque são esculturas. Criar um homem à sua figura nos remete diretamente ao primeiro homem, criado à figura de Deus. Nesta mediação, utilizamos a história *O Golem*, um mito judaico que trata da criação de um ser feito do barro.

Imagine o público vendo a obra *Amazonian Field* (foto ao lado), presente na exposição, após escutar essa história. A obra trazia mais de 20.000 figuras humanas esculpidas em terracota e produzidas por comunidades de diversos lugares do mundo. Era como se pudessem se deparar com milhares de "golens", que criavam uma densa massa. Os visitantes não podiam andar pelas esculturas e nem tocá-las, apenas observá-las. Mas a relação estava criada através da história ouvida, e os olhos ganharam o papel das mãos. Mais do que ambientar o público, a intenção era sensibilizá-lo e desestabilizá-lo. E se aquelas esculturas também criassem vida como no mito?

Antony Gormley
Amazonian Field, 1992
Figuras em terracota - tamanho variável
aproximadamente 24.000 figuras,
cada uma com 4 a 40cm

Loss, 2006
Blocos de aço inoxidável
1,73m x 53cm x 49cm



O Golem

Diz a lenda que, em uma antiga sinagoga de um país muito distante, existe um amontoado de barro em um canto. Ah, mas antes de contar essa história, vocês sabem o que é uma sinagoga? As sinagogas são para os judeus lugares que servem para estudar e para orar a Deus, assim como as igrejas dos cristãos, os centros espíritas ou os terreiros de candomblé. O povo judeu existe há muito tempo e, por isso, carrega muitas histórias em sua cultura. Mas, voltando à sinagoga da nossa história, dizem que tem lá um amontoado de barro em algum canto. Quase ninguém sabe o que aquilo significa e tem gente que se pergunta por que ninguém tira aquele barro dali. Mas algumas pessoas, as mais velhas, contam que aquele monte de barro é o que restou do Golem, um ser criado pelos poderes do rabino Judah. Ah, vocês sabem o que é um rabino? Rabino é como um mestre, um professor. É a pessoa que ensina os ensinamentos do judaísmo, aquela religião que falei no início, em que as pessoas rezam em um lugar chamado... sinagoga, isso mesmo!

Mas vamos à história... Os judeus passavam por tempos difíceis. Eram perseguidos e presos por pessoas que não gostavam deles. Eles não tinham ninguém para protegê-los. Um dia, o rabino Judah Loew não aguentou mais tanta injustiça e pegou um bocado de argila e começou a moldar a forma de um homem. O rabino era considerado quase um homem santo, próximo a Deus. Uma pessoa santa era uma pessoa que se esforçava para se aproximar de Deus, e por essa luta conseguia um pouco da sabedoria e poder de Deus. Um desses poderes era a criação da vida. No entanto, por mais santa que a pessoa fosse, a sua criação sempre seria apenas uma sombra de qualquer criação de Deus. Quando terminou de moldar, ele colocou na boca do boneco um pequeno pedaço de tecido, onde estava escrito o nome sagrado de Deus. Então, de repente, bem diante dos seus olhos, a criatura de barro ganhou vida. Era um ser muito forte e poderoso, mas sem nenhuma inteligência e sem fala, pois isso só Deus poderia fazer. O rabino chamou a criatura de Golem, que quer dizer tolo, bobo, imbecil, ou seja, alguém que não é muito inteligente.

Então, o Golem cumpriu o seu papel assim que ganhou vida. Sob as ordens do rabino Judah, ele salvou a vida de muitos judeus, que ficaram muito agradecidos.

- Eh, salve a criatura de barro! Salve o Golem! Salve!

O Golem gostava de ajudar os outros, mas acontece que ele começou a gostar da filha do rabino, que estava sempre por perto. O rabino não gostou nada daquilo e proibiu a criatura de barro de chegar perto da sua filha.

- O que você está pensando que é? Você é só um monte de barro que só ganhou vida porque eu quis. Vejam todos, a criatura quer ter sentimentos, quer ser igual à gente!

O rabino não se deu conta de que Adão, o primeiro homem, também tinha sido criado pelo próprio Deus a partir da mesma matéria. Como Adão, todos os golens são criados a partir do barro.

E todos que estavam ao redor riram e debocharam do homem de barro. O Golem ficou triste e amargurado. Tinha ajudado tanto os homens e agora recebia em troca tanta ingratidão. Mas ele não estava só triste. Estava também com raiva e começou a gritar, pois não sabia falar para poder se defender. Ele batia em seu peito de barro e não era preciso ser muito inteligente para entender que o que ele queria, ou melhor, exigia era que o deixassem ser humano também para poder amar a quem ele tanto queria bem, a filha do rabino. Os homens riam cada vez mais alto, e o ser de barro enfurecido começou a empurrá-los para longe. Alguns bateram a cabeça, outros bateram as botas e a situação fugiu do controle. Então, seu criador decidiu que era preciso eliminá-lo, acabar com sua vida, e em um movimento ágil retirou da boca do Golem o pequeno pedaço de tecido onde estava escrito o nome sagrado de Deus, e ele se transformou em pó diante dos olhos de todos. Há também quem afirme que o Golem jamais se rebelou. Ele simplesmente cumpriu sua missão e voltou ao pó de onde veio.



Educadora Gaia Traverso
Foto Luisa Braga



EXPOSIÇÃO *IMPRESSIONISMO – PARIS E A MODERNIDADE*

A pintura francesa do século XIX foi marcada pela forte presença da Academia, uma instituição mantida pelo Estado. Os Salões anuais exibiam as obras realizadas a partir de rígidas regras de composição, como o desenho naturalista, o correto emprego das cores e, sobretudo, a narrativa de temas considerados nobres, como cenas históricas e religiosas, personagens da mitologia e retratos de nobres. O Impressionismo rompeu com as regras da rígida Academia Francesa desde a sua primeira aparição em 1874. O Impressionismo foi o primeiro movimento artístico de revolução total desde o Renascimento. Ele surgiu em Paris, na França, mudando tudo aquilo que era visto nas pinturas produzidas até então e logo se tornou um marco, uma porta aberta para a arte moderna.

Os impressionistas buscavam novos enquadramentos, ao invés do tema da pintura estar somente no centro da tela. O pintor não precisava mais misturar as cores na paleta, preferindo usá-las puras na tela. De longe, nossa visão faria a mistura, dando a sensação do colorido. Para captar o instante, a pintura impressionista deveria ser rápida e em espaços abertos, sem os acabamentos e os retoques típicos de ateliê. Os artistas queriam mostrar, através da pintura, que as cores dos objetos dependiam da qualidade da luz. Por exemplo, uma mesma paisagem ao meio-dia parece ter cores muito mais claras, brancas, do que a mesma paisagem do fim da tarde, com tons mais escuros ou avermelhados. As estações do ano possuem cores próprias e isto poderia ser comprovado através de variadas pinturas da mesma paisagem em diferentes épocas.

A questão das cores foi abordada em uma contação da atividade do Pequenas Mãos (para crianças de 3 a 6 anos). O conto autoral *A Rainha das Cores*, de Jutta Bauer, foi apresentado com projeção de imagens, filtros de cor produzidos com gelatina de refletor e colagem de papel celofane. No conto, uma rainha muito voluntariosa gosta de brincar com as cores e acaba gerando muita confusão, principalmente quando o vermelho e o amarelo entram em cena. A confusão das cores do enredo funcionou como porta de entrada para a conversa a respeito das telas impressionistas, que abandonaram as regras do Realismo para mergulhar em um original estudo das cores.

Já o momento histórico, explicado em texto anterior, foi tratado no recorte de histórias, como *Os Sapatos Dançarinos*, dos Irmãos Grimm. E a mediação partiu deste baile misterioso, descrito na história, para traçar links com as obras, como *A Bailarina Loie Fuller Vista dos Bastidores*, de Toulouse-Lautrec, que mostra uma animada figura feminina rodopiando, em um movimento tão rápido que dá à imagem um aspecto de inacabado.

O mistério dos sete sapatos

Era uma vez, há muito tempo atrás, um rei que era viúvo e tinha uma única filha, muito linda.

O rei já estava velho e um pouco triste e foi deixando suas terras cada vez mais abandonadas. Sua filha era muito bela e também muito desejada por todos. Acontece que ele estava morrendo de preocupação por dois motivos. O primeiro era porque todas as noites uma música misteriosa não o deixava dormir e, no dia seguinte, ao acordar, percebia que sua filha havia gasto sete pares de sapato. Imagina só! Sete pares de sapato por noite! Sete e sete são quatorze, com mais sete vinte e um... em um ano a princesa havia gasto 2.555 pares de sapato! Ele estava gastando todo seu dinheiro na compra de sapatos. Além disso, o rei não aguentava mais ficar acordado por conta daquela música.

Resolveu então mandar passar a chave na tranca do quarto da princesa para ver se resolvia o problema, mas quando caía a noite se ouvia... (música).

Assim, anunciou que daria a mão da princesa e metade de seu reino a quem desvendasse tal mistério, porém mandaria matar quem falhasse. Logo apresentou-se o filho de um rei como primeiro candidato. Foi muito bem recebido e à noite levaram-no para o quarto ao lado daquele onde a princesa dormia. Ele tinha que ficar sentado para ver onde ela ia dançar e para que nada acontecesse sem que ele ouvisse. Para isso deixou a porta do seu quarto aberta. Mas o jovem acabou adormecendo e, quando acordou de manhã, percebeu que a princesa tinha dançado a noite toda, pois as solas dos seus sapatos estavam cheias de buracos. O mesmo fato aconteceu nas duas noites seguintes e, conforme havia dito, o rei ordenou que lhe cortassem a cabeça.



Depois dele vieram outros jovens, mas nenhum teve melhor sorte e todos acabaram perdendo a própria vida. Muitos homens se aventuraram, e todos morreram.

Joãozinho, um rapazote que andava correndo o mundo e que saíra de casa com a benção do pai, tinha chegado a essa terra e ouviu falar desse misterioso caso. Esse menino havia ganhado de seu pai uma capa da invisibilidade que sempre lhe era útil.

Procurou o rei, combinou dormir num aposento próximo do quarto da princesa. Mas a princesa ordenou à aia que pusesse dormideira no chá de Joãozinho, como fazia com todos os outros, mas o rapaz, que era esperto, não bebeu.

Fingindo que estava a dormir, Joãozinho notou um bauzinho debaixo da cama da princesa. À meia-noite, a princesa espiou o quarto em que Joãozinho fingia dormir e o rapaz estava roncando bastante. Na mesma hora começou a música.

A princesa colocou seu mais lindo vestido de baile, pegou seis pares de sapato, colocou-os no baú e entrou em um alçapão que havia no seu quarto.

Joãozinho vestiu-se com sua linda capa da invisibilidade e a seguiu.

Desceram e chegaram a um bosque de lindas árvores. As folhas eram todas de bronze e tinham um brilho maravilhoso. Joãozinho, que vestido com a capa estava invisível, partiu um raminho de uma das árvores para levar de lembrança.

Em seguida, continuaram sua caminhada chegando a outro bosque, onde as folhas das árvores eram de prata; continuaram a caminhada e chegaram a um bosque onde as árvores tinham folhas de ouro. Joãozinho, que a acompanhava de perto, foi partindo um raminho de cada árvore.

Passaram por terras estranhas, campos de flores de bronze, de prata e de ouro. Joãozinho ia apanhando uma flor de cada tipo, como prova da viagem, e guardando-as no bernal. Finalmente, chegaram a um palácio e de fora já dava para escutar aquela música...

Logo que entraram, havia muitos seres diferentes. Muitas pessoas, com trajes festivos e dançando muito. Joãozinho, que era um moço do interior, nunca vira aquilo, tanta gente dançando, julgou serem diabos e ficou morrendo de medo. A que mais dançava era a princesa. Como ela se soltava ao som daquela música que foi se transformando em mazurca, sarabanda, polca, quadrilha, tango e samba. No fim da noite, lá pra umas quatro horas da manhã, todos os pares de sapatos estavam gastos. E como ela estava feliz...!

Saciada sua vontade de dançar, que, diga-se de passagem, era um tanto grande, voltaram à escada que dava acesso ao alçapão. Subiram até a casa e foram dormir.

Na manhã seguinte, o rei o chamou para saber se conseguira desvendar o mistério. Joãozinho lhe contou tudo o que tinha visto e, para comprovar o que dizia, mostrou-lhe as flores colhidas nos arbustos de ouro, de prata e de bronze.

- Pois agora você pode se casar com minha filha e ficar com a metade de meu reino, declarou o rei satisfeito.

- Sua filha eu não quero, Majestade, pois moça que dança com os demônios não pode ser minha esposa, o jovem respondeu.

- Mas quero a metade de seu reino, conforme o senhor prometeu. Joãozinho partiu feliz da vida com o prêmio que ganhara, mas ele não parava de pensar um segundo na princesa, que era tão linda.

Uma semana depois, ele retornou ao reino e pediu a mão da princesa. Mas em uma semana muita coisa acontece! Ela conhecera um rapaz que morava perto do reino e que frequentava as festas de dança. Ele dançava muito bem e conquistou o coração da princesa. Pediu sua mão em casamento e, como a princesa havia sido recusada uma vez, o rei concedeu. Joãozinho implorou pelo seu amor, mas agora quem não queria era ela. O rapaz teve que ir embora sofrendo de dor de cotovelo!



Performance para
a Exposição
*Impressionismo -
Paris e a
Modernidade*
Foto João Saidler



Wave UFO, 1999-2002

Interface *Brainwave*, cúpula de visão, projetor,
sistema de computador, fibra de vidro, *Technogel*,
acrílico, fibra de carbono, alumínio, magnésio
1134 x 528 x 493 cm

Vista da instalação, Centro Cultural Banco do Brasil,
Rio de Janeiro, Brasil

Cortesia de PinchukArtCentre, Kyiv, Ucrânia

Foto A.C. Junior

EXPOSIÇÃO ONENESS – MARIKO MORI

A artista Mariko Mori, que usa o design e a engenharia de ponta para compor suas obras, trouxe-nos um desafio. Ao contrário de focarmos no design futurista do trabalho, optamos por buscar outra ponta de sua criação: o diálogo com o passado. Pensando nisso e em como o mundo contemporâneo pode refletir questões ancestrais, trouxemos para nosso repertório duas histórias tradicionais japonesas: *Urashima* e *a Tartaruga*, publicada no livro *Volta ao Mundo em 52 Histórias*, narração de Neil Philip, editora Companhia das Letrinhas, e o conto de sabedoria *O Monge Mordido*.

O monge mordido

Um monge e seus discípulos iam por uma estrada e, quando passavam por uma ponte, viram um escorpião sendo arrastado pelas águas. O monge correu pela margem do rio, entrou na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora do rio, o escorpião o picou (grito). Devido à dor, o monge deixou-o cair novamente no rio. Foi então à margem, pegou um galho, correu pela margem, entrou no rio, resgatou o escorpião e o salvou. Em seguida, juntou-se aos seus discípulos na estrada. Eles haviam assistido à cena e o receberam perplexos e penalizados. Todos falaram ao mesmo tempo e em coro:

- Mestre, o senhor deve estar muito doente! Por que foi salvar esse bicho mal e venenoso? Deveria ter deixado que se afogasse! Seria um a menos no mundo! Veja como ele respondeu à sua ajuda: picou a mão que o salvava! Ele não merecia sua compaixão!

O monge ouviu tranquilamente os comentários e respondeu:

- Ele agiu conforme sua natureza e eu, de acordo com a minha.



Oneness, 2003
Tecnogel, acrílico, fibra de carbono,
alumínio fundido, magnésio
Cada figura: 135 x 75,6 x 37,4 cm
Diâmetro da base: 333 cm
Cortesia de PinchukArtCentre, Kyiv, Ucrânia
Foto Sergei Illin

PATRIMÔNIO

As questões relativas a patrimônio perpassam toda a programação do CCBB Educativo, principalmente nos períodos sem as exposições pontuais. Nessas ocasiões, reforçam-se as ações educativas com foco nas exposições permanentes *Galeria de Valores e Banco do Brasil e sua História*. Assim como na atividade *Reconhecendo o CCBB*, que consiste em um percurso por diversos espaços do prédio, passando pelos teatros, cinemas, galerias, rotunda e até mesmo pelo exterior do prédio para observação da fachada e o seu diálogo com o entorno.

Patrimônio cultural é o conjunto de todos os bens considerados relevantes para um determinado grupo de pessoas. Esses bens culturais podem ser materiais, como as construções e as obras de arte, ou imateriais, como as receitas de comidas típicas, os ditos populares, as cantigas de roda e os contos populares.



Caduceu de Hermes, capitel das colunas do foyer do CCBB Rio
Exposição *Banco do Brasil e sua História*
Foto Rodrigo Becker



Sala de Reunião
Exposição *Banco do Brasil e sua História*
Foto Rodrigo Becker



Quando Dom João chegou

Este roteiro, que inclui um percurso pelo prédio do CCBB e uma contação de histórias, visa apresentar um pouco da história da criação do Banco do Brasil, pensando sobre a importância de instituições ou estabelecimentos dentro do contexto social em que está inserido. São trabalhados conceitos, como: memória, história, patrimônio, arquitetura e urbanismo.

Vamos contar a história de um príncipe português que se chamava João.

- Ó, pá! Não sabem o que está a passar comigo! Tenho de sair da minha terrinha. Tenho de abandonar Portugal porque os franceses estão a querer invadir o meu Portugal, e se eles me pegam... Ah! Se eles me pegam... não me apetece saber o que pode acontecer comigo se eles me pegam... estes franceses não gostam de mim, pois não. Tenho de fugir da minha terrinha... Mas pra onde? Pra onde? Gostava tanto de ficar cá... Diz-me lá, pra que sítio posso ir? Pois tão a falar-me por aí do tal do Brasil. Foi o Pedro, o Cabral, que veio de lá a dizer que é um sítio muito fiche. Dizem até que as aves daqui não gorjeiam como as de lá. Há praias, estás a ver, não é de todo mal. Com ou sem praias, há de ser melhor que ser pego pelos franceses...

Então, o Príncipe Dom João resolveu fugir para o Brasil, com medo de que Portugal fosse realmente invadido pelos franceses. Ele colocou a família dele num barco e foi-se embora do seu país...

*Tô indo ali, meu Portugal, mas volto já
Tô indo ali, meu Portugal, mas volto já
Levando nossas riquezas pro baixinho não tomar
Levando nossas riquezas pro baixinho não tomar
No Brasil, esta terra tão novinha, ficaremos a esperar
O dia em que Napoleão de seu cavalo cairá...
Tô indo ali, meu Portugal, mas volto já
Tô indo ali, meu Portugal, mas volto já
Levando nossas riquezas pro baixinho não tomar
Levando nossas riquezas pro baixinho não tomar*

Autoria de Thiago Jatobá



D. João VI Rei, 1818
Aquarela, 18x15,3cm
Acervo Museu Castro
Maya, Rio de Janeiro

Naquele tempo, os navios não eram como os de hoje, confortáveis, nada disso... A viagem não foi nada fácil. Não parava de ventar, o mar balançava, o navio chacoalhava...

A viagem demorou muito e, depois de um tempão, Dom João finalmente chegou aqui no Brasil, na Bahia, e depois veio pro Rio de Janeiro com a sua família e já havia uma casa esperando por eles, o Paço Imperial. Tinha que ter um nome pomposo para ser a casa da família real: Paço Imperial! Então saiu do navio o João, a Dona Maria, mãe dele, os filhos dele, que eram Pedro e Miguel, e as filhas todas, que se chamavam Maria. Mas quando eles chegaram aqui já havia gente no Brasil. Índio mesmo já não se via muito. Via-se gente que já tinha vindo antes da Europa e de outros lugares. Havia pessoas que tinham vindo da África como escravos.

Mas sabe que quando D. João chegou aqui ele achou que as coisas estavam muito bagunçadas?!

- Ora pois, mas que cidade mal cuidada! Estou a perceber que toda gente está a jogar o lixo no chão. Não há pessoas para recolher o lixo... Ai, Jesus! As casas não têm banheiros! As pessoas fazem xixi e cocô no penico e jogam as sujeiras pela janela! Não acredito no que estou a ver! Tem de se pôr ordem neste Brasil! Aonde minha família vai passear? Onde vai estudar? E onde é que eu vou guardar o meu rico dinheirinho?

Partida do Príncipe Regente de Portugal para o Brasil, aos 27 de Novembro de 1807, Lith Lopes
Litogravura, 404 x 580 cm
Foto Ricardo Gama
Acervo Banco do Brasil





Educador Marcelo Augustinho
Foto João Saidler

D. João resolveu construir algumas coisas que ele achava importante existir no Brasil, muitas delas existem até hoje... Será que vocês conhecem alguma delas? Uma chama-se *Jardim Botânico*. Para estudar sobre as plantas e pra passear, lá ia ele com sua família:

Fui passear no Jardim Botânico. Giroflê, giroflá.

Fui passear no Jardim Botânico. Para te encontrar.

O que foste fazer lá? Giroflê, giroflá.

O que foste fazer lá? Para te encontrar.

Fui colher as violetas. Giroflê, giroflá.

Fui colher as violetas. Para te encontrar.

Para que servem as violetas? Giroflê, giroflá.

Para que servem as violetas? Para te encontrar.

Se encontrasses com o soldado? Giroflê, giroflá.

Se encontrasses com o soldado? Para te encontrar.

Eu faria uma continência. Giroflê, giroflá.

Eu faria uma continência. Para te encontrar.

Se encontrasses com o rei? Giroflê, giroflá.

Se encontrasses com o rei? Para te encontrar.

Tiraria o meu chapéu. Giroflê, giroflá.

Tiraria o meu chapéu. Para te encontrar.

Canção popular de autoria desconhecida.

Além disso, Dom João construiu a Biblioteca Nacional, Escola de Ciências, Escola de Belas Artes... E o que será que ele criou para guardar o tal rico dinheirinho??? Hein? Hein? É claro, o Banco do Brasil!



Educador Ticiano Lima
Foto Adriana Christo

EM CANTOS E CONTOS – ADULTOS

Tradicionalmente o público adulto sempre esteve presente nas contações de histórias, o que não existia era uma contação idealizada para eles. Os adultos vinham com o pretexto de acompanhar as crianças, mas era inegável o envolvimento e a leitura própria que faziam do acontecimento. Percebendo esse olhar do adulto, o CCBB educativo começou a realizar contações de histórias voltadas exclusivamente para eles. Nossa pesquisa literária vai do popular ao autoral, do antigo ao contemporâneo, do narrativo ao científico. A interseção entre texto e cena é definida de maneira diferente por cada contador, que desenvolve seu roteiro podendo incluir linguagens como a música, o vídeo, o teatro, a pantomima, a performance etc.

O espelho e a alma

Apresentação elaborada para a exposição *Tarsila do Amaral – Percurso Afetivo*. A inspiração para construção do roteiro foi a obra *Composição Figura Só*, de 1930. Na pintura está uma figura feminina, de costas, com uma túnica lilás que vai do pescoço ao pé e um volumoso e comprido cabelo que parece ultrapassar as linhas formais do trabalho. Diante de tal obra, o educador se perguntou: como é possível a alguém que esteja fechado ao mundo, enxergar-se? E a resposta que lhe veio foi: através de um espelho.

Objeto simbólico rico em significados, o espelho aparece no nosso imaginário desde os mitos narcísicos, que falam sobre a dobra do ser humano sobre si mesmo, até como o presente capcioso na troca entre colonos e nativos. Símbolo da organização psíquica, reflexão e mesmo porta para o infinito, o espelho se apresenta como máquina de reconhecimento de si.

Diante dessas reflexões, optou-se pelas histórias abaixo para compor a contação para adultos *O Espelho e a Alma*.

Prelúdio: O Sonho Devir [Inspirado num conto chinês]

Essa noite eu tive um sonho muito incrível: sonhei que era uma borboleta. Voava leve pelo bosque, pousando de flor em flor, e pelos galhos das árvores, livre e leve. E quando acordei não tinha a sensação do meu corpo humano, de carne e osso, mas tinha ainda a impressão da leveza do corpo de borboleta, e fiquei o resto do dia pensando se eu era um homem sonhando ser uma borboleta ou se eu era uma borboleta sonhando ser um homem.

Primeira História: Eros e Psique

[Poema de Fernando Pessoa]

Segunda História: A Primeira Só

[de Marina Colasanti]

Epílogo: A Bela Lindonéia ou A Gioconda do Subúrbio

[Inspirado no quadro de Rubens Gerchman e na música de Caetano Veloso e Gilberto Gil]

Nós vamos juntando as histórias às exposições, propondo viagens temporais, mergulhos culturais e visuais. E cada dia apresentamos um pouco do que sabemos e recebemos o que trazem para nós. E você? Que história vai nos deixar?



Marcelo Augustinho
Foto Adriana Christo

Sugestões de Leitura

Teóricos

BENJAMIM, Walter. O narrador. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rounet. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e terra, 1979.

GIRARDELLO, Gilka. *Baús e chaves da narração de histórias*. Florianópolis: SESC/SP, 2006.

MACHADO, Regina. *Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: Dcl, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Lenny Werneck. Rio de Janeiro: L&Pm Pocket, 2008.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Trad. Antonio Negrini. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. Rio de Janeiro: Conquista, 2012.

Ficção

COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. São Paulo: Global, 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara . *Facécias: contos populares divertidos*. São Paulo: Global, 2006.

FERRARI, Florencia. *Palavra cigana: seis contos nômades*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SINGER, Isaac Bashevis. *Histórias para crianças*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1984.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. São Paulo: Landy Editora, 2002.

GENDRIN, Catherine. *Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro*. Trad. Heitor Ferraz Mello. São Paulo: Edições SM, 2007.

MUNDUKURU, Daniel. *Histórias de índio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GULLAR, FERREIRA. *As mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

SOLER-PONT, ANNA. *O príncipe medroso e outros contos africanos*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BATT, Tanya Robyn. *O tecido dos contos maravilhosos*. Trad. Waldea Barcellos. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

RUSHIE, Salman. *Haroun e o mar de histórias*. Trad. Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PATROCÍNIO
Banco do Brasil

REALIZAÇÃO
Centro Cultural Banco do Brasil

PRODUÇÃO
Sapoti Projetos Culturais

COORDENAÇÃO GERAL
Daniela Chindler

COORDENAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS
Alexandre Diniz

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Cristiane Leal
Flávia Rocha

**COORDENAÇÃO ARTÍSTICA
ARTES CÊNICAS E MÚSICA**
Gabriel Sant'Anna

ASSISTENTE DE PESQUISA
Thiago Jatobá

SUPERVISÃO OPERACIONAL
Elaine de Souza
Bruno Imenes
Joubert Assumpção

EDUCADORES
Carlos Lima
Jaspe Mattos

ESTAGIÁRIOS
Camila Araújo
Camilla Costa
Camila Cunha
Carlos Eduardo Proença
Caroline Lucena
Felipe Molica
Fernanda Paixão
Fernanda Rabelo
Luan Castelucci
Mariana Leocádio
Martha Soares
Nina Balbi
Sylvio Moura
Yuri Jahara

COLABORADORES
Clara Santhana
Marcelo Augustinho

**REVISTA PRÁTICAS E REFLEXÕES
COM EDUCADORES**

EDIÇÃO DA REVISTA
Daniela Chindler

REDAÇÃO DA REVISTA
Daniela Chindler
Graciane Cunha
Thiago Jatobá

REVISÃO
Tatiane Souza

PROJETO GRÁFICO
André Ferreira Lima

HISTÓRIAS
Quem ama quer Kama!
Tatiana Henrique

O príncipe Sidarta
Polyana Lourenço

O Golem
Gabriel Sant'Anna

O mistério dos sete sapatos
Clara Santanna

O monge mordido
Gabriel Sant'Anna

Quando Dom João chegou
Grupo de pesquisa Pequenas Mãos

O espelho e a alma
Ticiano Lima



Material elaborado para distribuição gratuita nos encontros Práticas e Reflexões com Educadores.

Rua Primeiro de Março, 66 Centro
20010-000 Rio de Janeiro, RJ

Informações e agendamento
Tels. 21 3808 2070 / 3808 2254
De segunda a sexta, das 9h às 17h
bb.com.br/cultura

CCBB EDUCATIVO – 1º andar
Serviço de transporte gratuito para escolas públicas e ONG

SAC
0800 729 0722
Ouvidoria BB
0800 729 5678
Deficientes Auditivos
0800 729 0088

Realização



Ministério da
Cultura

